

# O AFETO HOMOERÓTICO DE LUIS CAPUCHO



**RATO**  
Luis Capucho  
Editora Rocco  
Preço: R\$ 20 (em  
medida)

Uma "cabeça de porco", expressão que quer dizer cortiço, cria o ambiente soturno à narrativa que encontramos no livro "Rato" (Rocco), de autoria de Luis Capucho, a segunda obra deste autor cachoeirense radicado no Rio de Janeiro. Vivendo ao lado da mãe, o personagem-narrador cujo nome não é revelado na obra vai tecendo sua confissão homoerótica à medida que esbarra consigo mesmo e com os moradores da pensão.

Na "casa" desse personagem-narrador tem uma "cabeça" com um "terceiro olho" que o denuncia pelo que de narrativa escapa. Sabe-se que ele transita quase desatento pela "cabeça de porco". Quase! E assim ele vai nos apresentando os machos-moradores que alugam quartos no cortiço e, contraditoriamente, parecem não possuir seus nomes próprios, tamanha a clandestinidade desses seres. Estão bêbados, solitários, mudos, e talvez estabeleçam algum tipo de relação, interação, com o narrador.

É na abertura da possibilidade desse encontro que a linguagem se abre à pulsão homoerótica pela sexualidade contida, falada ou sublimada. "Na escrita meu corpo goza", diz Roland Barthes. E assim a personagem também vai inventando seu prazer. Não acredita se insinuar para os machos-moradores, como se pudesse estar fora da cena dentro da "cabeça de porco". Engano. À medida que confessa seus desejos, vai criando seus próprios sentidos, se provocando e provocando o outro.

"Não me insinuo, apenas passo no corredor perseguido pelo cachorro Peri e sinto a presença de um homem nu sentado à beira da cama, embora preferisse olhar, escancaradamente, lá para dentro", narra a personagem. Esses e outros movimentos corporais e imaginativos, endereçados aos moradores da "cabeça", vão se dando à revelia do narrador de "Rato".

Um dado marcante no livro é o momento em que o narrador se culpabiliza por se perceber estático diante da pobreza vivida no cortiço: "Tenho a impressão de que minha vida entrou para o caminho do empobrecimento eterno". Mas a seu favor há os moradores, como o Arthur, o Valdir, e há também aquele "certo dia" em que flagra um deles, o Guilherme, "nu, ensaboado".

Do fluxo impessoal, a narrativa alcança a instância do discurso amoroso, subjetivo. Muitos desses sentidos são estimulados pelos nomes dos moradores da "cabeça". O personagem-rato começa então a escrever, inscrever-se, revelar-se a si mesmo para além dos cantos escuros e úmidos da



Nascido em Cachoeiro de Itapemirim e residente em Niterói, Luis Capucho é escritor, cantor e compositor

"cabeça". Quer totuar as "rédeas da vida" com as próprias mãos, ainda que saiba que sua mãe o adora. ("Mãe Me Adora", nome do terceiro livro de Luis Capucho).

Inevavelmente, há uma invisibilidade e muitas questões, como a pergunta "O que é masculinidade?" Em boca de respostas, o narrador lança luz sobre o corpo despedaçado do outro. Algo como uma "voção feticista da linguagem", como conceitua Barthes ao analisar Sade. Mas, de fato, há um corpo que se movimenta fora da linguagem, ainda que dentro da individualidade. Evaziar-se talvez seria a saída para este narrador? O que se sabe é que no "Capítulo Dois" um novo hospede surge na "cabeça de porco".

A partir daí é que os olhos se levam por algum momento da "cabeça" (à medida

que a cidade-possível é vista e olhada por ele e Plínio, o novo morador). Nota-se então outra espacialidade e assume-se a descontinuidade que nos constitui em abertura para o se relacionar. Assume-se também masculino e feminino, ativo e passivo, todas e nenhuma dessas coisas. Altera-se a perspectiva, mas a poesia do autor Luis Capucho está lá... lá onde há afetação e afetado, escolhas e não-escolhas, movimento ágil de um verdadeiro "rato" arisco que apavora-se ao lidar com o afeto, mas não teme atravessar sua história, com ou sem romantismo fantasiado. O rato é "real".

Nascido em Cachoeiro de Itapemirim e residente em Niterói, Luis Capucho é escritor, cantor e compositor. Incluído nos anos 1990 pela

imprensa paulista no chamado Retropicalismo, Luis Capucho, formado em Letras pela UFF, possui mais dois livros publicados, além de "Rato": "Cinema Orly" (Ficções de Interlúdio - 1999) e "Mãe me adora" (Edições da Madrugada - 2012).

Como músico, Capucho tem três álbuns já lançados: "Luz Singela" (Astronauta Discos-2003), "Cinema Iris" (Multifoco-2012) e "Antigo" (Independente-2013). Como compositor, já foi gravado por artistas como Cássia Eller, Pedro Luis e A Paredê, Clara Sandroni, Daóde, Marcos Sacramento e Cristina Braga. Já se apresentou no Rio de Janeiro, em Brasília, Salvador, São Paulo e em turnê pelas cidades austríacas de Viena, Rhoda e Linz.